

SIMPÓSIO AT159

SIMPÓSIO: LEITURA, ESCRITA E ENSINO: ABORDAGENS ENUNCIATIVAS

LER E ESCREVER NA AULA DE PORTUGUÊS: DE QUE LEITURA E DE QUE ESCRITA SE ESTÁ TRATANDO?

TOLDO, Claudia
Universidade de Passo Fundo
claudiast@upf.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é propor uma discussão acerca da leitura e da escrita na escola, enquanto processos singulares de aprendizagens, ancorados numa visão enunciativa de linguagem. A fundamentação teórica que embasa este estudo, quanto aos princípios teórico-metodológicos, são as reflexões do linguista Émile Benveniste, especificamente os construídos em sua *Linguística da Enunciação*, compilados em suas duas obras de referência: *Problemas de Linguística Geral I e II*. Sabemos que os termos leitura e escrita não são objetos específicos de estudo de Benveniste, porém, com base em suas asserções sobre *língua, linguagem, homem e sociedade*, acreditamos ser possível um trabalho docente produtivo, em que ler e escrever se tornem atividades enunciativas nas quais locutores se propõem como sujeitos de seu dizer numa relação singular entre *eu-tu-aqui-agora*. A metodologia utilizada nesta proposta apresenta princípios qualitativo-metodológicos para uma análise de textos em diferentes situações de ensino de língua na escola, tomando-o como unidade de aprendizagem, especificamente nas atividades que envolvam a leitura e a escrita. A intenção é refletir sobre a formação de professores, observando suas atividades de análise, necessariamente enunciativas, com textos – nas suas dimensões de leitura e de escrita, na escola de educação básica.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Ensino; Enunciação.

Abstract: This work aims to propose a discussion about reading and writing in school, as singular processes of learning, anchored in an enunciative understanding of language. The theoretical basis of this study, as theoretical and methodological principles, is the reflections of the linguist Émile Benveniste, specifically those constructed in his *Enunciation Linguistics*, compiled in his two reference works *Problems of General Linguistics I and II*. We know that the terms reading and writing are not specific objects of Benveniste's study. However, based on his assertions about *tongue, language, man and society*, we believe that productive teaching work is possible, in which reading and

writing become enunciative activities where announcers propose themselves as subjects of their saying in a singular relation between *I-you-here-now*. The methodology used in this proposal presents qualitative-methodological principles for an analysis of texts in different situations of language teaching in school, taking it as a unit of learning, specifically in activities involving reading and writing. The intention is to reflect on teachers education, observing their activities of analysis, necessarily enunciative, with texts - in their reading and writing dimensions, at basic education schools.

Keywords: Reading; Writing; Teaching; Enunciation.

Introdução

Este artigo, resultado de reflexões que trago para este Simpósio, põe em cena as atividades docentes com a leitura e a escrita na sala de aula de língua portuguesa da educação básica. Já disse, em situações anteriores, que não há como analisar qualquer fato da língua sem considerar seu funcionamento em textos, em dada situação de enunciação, até porque as pessoas usam a língua, em textos, para produzir sentido e dizer algo umas para as outras, organizando o mundo sob seu ponto de vista. Assim, pode-se pensar que nem a língua em si mesma, nem a palavra isolada nos dão sua dimensão semântica. Isso só é possível em texto. Nesse particular, a construção do sentido das palavras dá-se a partir da organização (textual) das unidades linguísticas – disponíveis na língua – colocadas em relação, ou seja, é o próprio sistema de regras da língua posto em funcionamento por alguém.

Nessa perspectiva, a expressão “uso, funcionamento e organização da língua em dada situação de enunciação” tem sentido específico. Assim, isso poderia ser adequadamente parafraseado por outro termo: “texto”, uma vez que este se coaduna com a ideia de uso de formas linguísticas em uma dada instância de discurso. Essas observações se inserem na linha teórica relativa aos estudos da linguagem, especialmente no que se convencionou chamar Teoria Enunciativa, do linguista Émile Benveniste (1902-1976). Trago considerações benvenistianas que almejam subsidiar reflexões outras acerca

da formação de professores de Língua Portuguesa, quando estes se propõem a realizarem trabalhos com o texto em suas aulas na escola de educação básica, principalmente quando se pensa em aulas que envolvem leitura e escrita.

Émile Benveniste, teórico que ampara esta reflexão pelos seus estudos enunciativos ao pensar a língua e propor um modo de ver a linguagem, não discute diretamente a noção de texto ao longo de seus *Problemas de linguística geral* – ao menos não como isso é feito nos parâmetros atuais da linguística, mas acredito possível inferir de seus trabalhos uma noção sintonizada à ideia de *uso da língua* e de *organização em dada situação enunciativa*. E é em Benveniste que esta escrita se inspira. Eis o percurso que pretendo fazer.

Primeiramente, pontuo, como forma de justificar a pertinência do que adiante será proposto, algumas constatações do que se tem visto (pela minha prática docente na educação básica e superior) nas escolas no que respeita o ensino de Língua Portuguesa. Em seguida, proponho um deslocamento, qual seja: no texto de 1963 – “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” –, Émile Benveniste traz a natureza dupla do objeto da linguística enquanto ciência da linguagem e ciência das línguas. Diz Benveniste (1963/1995, p. 20): “a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. É das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas.” A partir disso, quero trazer uma das ponderações de Benveniste, que é o estudo das línguas, para chegar ao estudo do funcionamento da linguagem. Ele se preocupava, assim como já havia ponderado Saussure, com a tarefa do linguista. De que deslocamento estou falando? Benveniste afirma que “é das línguas que se ocupa o linguista”; quero propor que um professor de língua – neste caso o de português – (também) deve se ocupar da língua, para entender seu funcionamento, para mostrá-lo no texto, quando propõe as atividades de leitura e de escrita aos

seus alunos. Mas questionar: qual a diferença entre ambos, linguista e professor?

Este texto não tem a pretensão de fazer grandes reflexões teóricas, mas alguns (des)encaminhamentos que podem provocar discussões futuras, a partir do lugar que se coloca o trabalho da leitura e da escrita na escola, quando se trata do trabalho do professor. A eles, então.

1 A aula de Língua Portuguesa na escola: de que aula estamos falando?

As práticas docentes desenvolvidas na escola nos últimos anos já provaram que as atividades voltadas para a descrição do funcionamento da língua, de forma isolada, não contribuem para o desenvolvimento das habilidades de uso da língua. O exercício pelo exercício não leva a uma reflexão sobre o funcionamento da língua. Não é por meio de atividades de catalogação de entidades, de classificação de palavras e do reconhecimento de suas funções na frase que alguém será capaz de usar a língua de forma eficiente e crítica nas diversas situações discursivas.

Não há dúvida de que a ineficiência da escola e o mau desempenho dos estudantes da educação básica estão intimamente relacionados ao trabalho desenvolvido no interior da sala de aula. A função do professor de Língua Portuguesa vai muito além de um simples *dar conteúdos gramaticais*. Partimos do princípio de que nossos alunos, tendo como suporte as aulas de Língua Portuguesa, devem ser capazes de melhorar seu desempenho linguístico, ou seja, desenvolver sua competência comunicativa. Isso significa que os aspectos sintático-semânticos do texto não podem ser desconsiderados, ou seja, não há como analisar qualquer fato da língua sem considerar seu funcionamento no texto.

Daí porque defendermos que o ensino de Língua Portuguesa deva ultrapassar o nível da palavra e da frase e ter na leitura e na escrita do texto o eixo principal do trabalho escolar. Nesse sentido, as ações desenvolvidas na

escola devem priorizar atividades de análise de uso da língua no texto lido e escrito na escola. Afinal, a escola não pode estar afastada da vida. Na vida, usamos textos o tempo todo – para expressar o que queremos, o que sentimos. A linguagem nos constroi todos os dias.

Embora saibamos que concepções linguísticas atuais circulem entre os professores de Língua Portuguesa e reconheçamos que tem aumentado o número de professores desejosos de mudanças no ensino escolar, ainda assim o trabalho com a gramática continua se dando da forma tradicional, com práticas que desestimulam as relações entre o falante e a língua e a vida. Permanece, ainda, arraigada a ideia de que o domínio de determinadas estruturas ditadas pela gramática garantirá o uso “correto” da língua. Por conta disso, os professores supõem que o aluno será capaz de transferir automaticamente os conhecimentos obtidos *sobre* a língua para o seu uso efetivo e esquecem (ou não sabem) de que a melhoria da competência comunicativa só se dará à medida que entendermos *o que significa colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização*. (BENVENISTE, 1970/2006, p. 82).

Acredito que a realidade do ensino e da aprendizagem na escola aponta para a falta de uma concepção de língua e de linguagem por parte dos professores, corroborando uma carência teórica dos educadores acerca desses conceitos em especial. E é a linguagem em uso e a língua organizada em textos que possibilita conhecermos o homem que vive e atua em sociedade; que fala com outro homem. Assim, não basta saber o que significa cada uma das unidades da língua que compõem um enunciado; é preciso perceber que relações essas unidades do sistema linguístico mantêm com outras unidades em dada situação de uso. Tomo as palavras de Benveniste (1963/2005, p. 22): “[...] a língua é um arranjo sistemático de partes. Compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis.” Essas combinações variáveis da língua estão nos textos que lemos e escrevemos. Por isso, precisamos torná-los objetos de estudo, de ensino e de aprendizagem nas salas de aula de Língua Portuguesa da educação básica. Essas questões de olhar a língua em

uso, ou seja, ver a língua numa perspectiva enunciativa, devem ser aprofundadas, a fim de que esses estudos possam auxiliar na compreensão do ensino da Língua Portuguesa, para que não continuemos olhando para aulas que não façam sentido.

A partir daqui, proponho um deslocamento, no intuito de que aulas possam fazer sentido.

2 Olhar a língua no texto, pela enunciação: tarefa do professor

Esta seção destina-se a um olhar muito particular de um aspecto trazido no texto de 1963 de Émile Benveniste, Parte I, do *Problemas de Linguística Geral I*, destinada a “transformações da linguística”. O texto que recorto dessa primeira parte do PLG I é o texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, em que Benveniste observa que a linguística tem duplo objeto: *é a ciência da linguagem e a ciência das línguas*. Benveniste, nesse texto, retoma uma preocupação de Saussure – colocada no *Cours* – acerca da tarefa da Linguística e do linguista, chamando a atenção para a questão de saber em que consiste e como funciona a língua. Vamos às palavras do sempre pai da linguística, Saussure, que já trazia o questionamento: “Qual é, enfim, a utilidade da Linguística? [...] Mas é evidente, por exemplo, que as questões linguísticas interessam a todos – historiadores, filólogos etc. – que tenham de manejar textos.” (CLG, 2006, p. 14). Em seguida, Saussure afirma que a tarefa do linguista *é antes de tudo denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível*. Ele trata das “questões linguísticas” que cabem a todos. E ele trata dos textos e de seu funcionamento. Quando Saussure, na segunda tarefa da Linguística, afirma que se devem procurar as forças que estão em jogo na língua e deduzir suas leis, sem dúvida, ele trata da descrição das línguas.

Benveniste pensa a tarefa do linguista a partir de Saussure, considerando necessário que o linguista tenha um ponto de vista sobre a linguagem, sabendo qual o princípio que a organiza. Como defende Flores (2013, p. 67), “[...] uma

das tarefas do linguista é ir *aos fundamentos* para, por eles, chegar aos *dados elementares*, o que significa instaurar um *ponto de vista*.” E, ainda, tomo outras palavras de Flores (2013, p. 68): “O objeto da linguística benvenistiana é a linguagem tomada em toda a sua amplitude, na relação com as línguas e, obviamente, com a língua.” Isso, neste texto, tem uma importância distinta, pois o objeto de que se trata diz respeito a algo que funciona de determinada maneira, porque possui um arranjo que lhe é próprio e que pode ser descrito. Nesse caso, a língua, enquanto arranjo sistemático de partes, composta de elementos articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de estrutura, será descrita pelo linguista, para que se observe o funcionamento da língua. Eis o linguista se ocupando do fenômeno que constitui a linguagem humana.

Portanto, o linguista tem como tarefa descrever a língua e seu funcionamento em textos. Já disse Saussure há tanto tempo. Isso é incrível!. Este é o deslocamento que pretendo fazer: assim como o linguista, esta é a tarefa do professor de língua, dedico-me ao da língua materna: descrever o funcionamento da língua e mostrar esse funcionamento em análises textuais, pelas atividades de leitura e de escrita. Poderíamos perguntar: qual a diferença entre a tarefa de um e de outro? O linguista descreve o funcionamento da língua; o professor descreve o funcionamento da língua, para ensinar seus alunos a usá-la; para ensinar seus alunos a ler e a escrever. Então, a tarefa do professor de língua inclui a tarefa do linguista ao descrever o objeto da linguística – a língua. Como diz Benveniste (1995/1963, p. 25), “A abordagem descritiva, a consciência do sistema, a preocupação de levar a análise até as unidades elementares, a escolha explícita dos procedimentos são outros tantos traços que caracterizam os trabalhos linguísticos modernos.” Esses trabalhos devem ser regidos por professores-linguistas, no trabalho que fazem em sala de aula, com textos, em análises, nas atividades de leitura e de escrita. Assim se ensina a ler e a escrever. Assim se ensina língua.

Esse deslocamento só se torna possível, porque nos amparamos numa perspectiva enunciativa de ensino de língua. Tratamos aqui do ensino da leitura

e da escrita, enquanto processos singulares e únicos e (i)repetíveis de aprendizagens. O professor de língua, dedico-me ao da materna, precisa descrever a língua, realizando um estudo da língua em textos, de um ponto de vista que leva em conta o sentido. A intenção é refletir sobre a formação de professores, observando suas atividades de análise, necessariamente enunciativas, com textos – nas suas dimensões de leitura e de escrita, na escola de educação básica. Muito a fazer, ainda.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. (1963). Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005. p. 19-33.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. Organização Charles Bally, Albert Sechehaye. Colaboração de Albert Riedlinger. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.